

ECOLINGUÍSTICA: UM ENQUADRAMENTO CONCEITUAL¹

Jørgen Chr. Bang & Jørgen Døør (Universidade de Odense, Dinamarca)

R e s u m o : A linguística e a linguística aplicada têm tentado se apresentar como neutras, tentando imitar as ciências naturais. A linguagem e a linguística são avaliadas como parte da atividade social, constituídas por e constituindo a práxis social, como parte de um processo significativo que se baseia em valores. A práxis social é constituída por várias contradições nucleares, como *cultura-natureza*, *privado-público*, *cidade-campo*. A ecolinguística é a parte da linguística aplicada crítica que focaliza as maneiras pelas quais a linguagem e a linguística são envolvidas na crise ecológica. Ela é uma teoria crítica de linguagem e é tanto partidária quanto objetiva. Esse modelo dialético de linguagem inclui também uma matriz semântica, que explicita os diversos tipos de significado. Ele inclui ainda o modelo dialógico que, na verdade, não é 'duológico' como os modelos tradicionais, mas inclui um terceiro participante, vale dizer, ele compreende sujeito 1 (S₁), sujeito 2 (S₂) e sujeito 3 (S₃). Tudo deve ser encarado da perspectiva das dimensões bio-lógica, sócio-lógica e ideo-lógica. A referência compreende as dimensões lexical, anafórica e dêitica. A nossa teoria ecológica e dialética de linguagem e de linguística é uma crítica tanto da cultura que produz a crise ecológica quanto das suas teorias tradicionais de linguagem. O artigo termina com a análise de dois textos legais sobre a produção orgânica.

P a l a v r a s - c h a v e : Ecolinguística, contradições nucleares, matriz semântica, modelo dialógico, referência.

A b s t r a c t : Linguistics and applied linguistics have tried to show themselves as neutral, like natural sciences. Here, language and linguistics are evaluated as part of social activity constituting and being constituted by social praxis, inside a meaning process based on values. Social praxis is made up of various nuclear contradictions: culture-nature, private-public, city-country. Ecolinguistics is part of critical applied linguistics which focuses the ways language and linguistics are involved in the ecological crisis. It is a theory of language which is both partisan and objective. This dialectic model of language includes a semantic matrix, which explains the diverse types of meaning. It is a dialogic model which, as a matter of fact, is not 'duologic' as traditional models. It includes a third participant, i.e., S₁, S₂, S₃. All this from the bio-logic, socio-logic, and ideo-logic dimension. Reference comprises the lexical, anaphoric and deictic dimension. Our ecologic and dialectic theory of language is a critique to the culture which produces the ecologic crisis and to its traditional theories of language. The essay ends by analyzing two legal texts about organic production.

K e y w o r d s : Ecolinguistics, nuclear contradictions, semantic matrix, dialogic model, reference.

¹ Traduzido do inglês por Dilys Karen Rees.

Introdução: A Linguística Aplicada & a Ecolinguística

A Linguística Aplicada e muitos linguistas estão envolvidos em um jogo de linguagem em que a linguagem e a linguística são apresentadas como fenômenos neutros. Há muitas razões para esse erro e essa falsa ideologia; uma é o desejo de imitar o sucesso das ciências naturais.

A linguística tradicional pressupõe que:

- (i) se a linguística quer ser aceita como uma ciência genuína, é preciso que ela imite as ciências naturais ou formais,
- (ii) as ciências naturais e formais são objetivas e neutras e
- (iii) somente as ciências naturais e as formais têm métodos que garantem tanto a objetividade quanto a neutralidade.

Nós, no entanto, participamos de outro jogo de linguagem em que a linguagem e a linguística não são consideradas ou tratadas como neutras. A linguagem e a linguística são avaliadas como parte da atividade social, constituídas por e constituindo a práxis social e, assim, fazem parte de um processo significativo que se baseia em valores.

Consequentemente, a linguística aplicada é um estudo engajado dos vários jogos de linguagem com a intenção de estabilizar e mudar (i) os modos de usarmos a linguagem e (ii) nossos pontos de vista sobre a nossa maneira de usarmos a linguagem.

A linguística e a linguística aplicada são atividades sociais que confirmam ou criticam a práxis social. A linguística aplicada é uma intervenção na práxis social, isto é, uma intervenção em uma problemática significativa e constituída de valores. Desse modo, qualquer mudança no nosso uso da linguagem é ao mesmo tempo uma mudança na práxis social.

A práxis social é constituída por várias contradições nucleares que tanto limitam/constrangem/restringem quanto condicionam cada atividade social incluindo o uso da linguagem e a linguística. Qualquer fenômeno na nossa práxis social é dialeticamente determinado por uma conjuntura de todas as contradições nucleares, embora uma seja dominante.

Uma das contradições nucleares é *cultura-natureza* e no nosso tempo faz parte de uma crise ecológica. A crise ecológica codetermina o lugar e a função da linguagem e da linguística. Consequentemente, a linguística aplicada não pode deixar de ser envolvida na crise.

Pelo fato de que a linguística aplicada é um estudo do uso real e do uso possível da linguagem, seu objeto compreende a determinação dialética tanto da linguagem quanto da linguística ('pura' e aplicada).

1. Alguns Modelos para a Ecolinguística

A ecolinguística é a parte da linguística aplicada crítica que focaliza as maneiras pelas quais a linguagem e a linguística são envolvidas na crise ecológica. A ecolinguística é uma teoria crítica de linguagem/linguística e é tanto partidária quanto objetiva.

- 1 A linguagem e a ecolinguística são partes de uma cultura, de uma formação social e uma práxis. Dessa maneira, a linguagem e a linguística são constituídas pelas *contradições nucleares* da nossa práxis social.

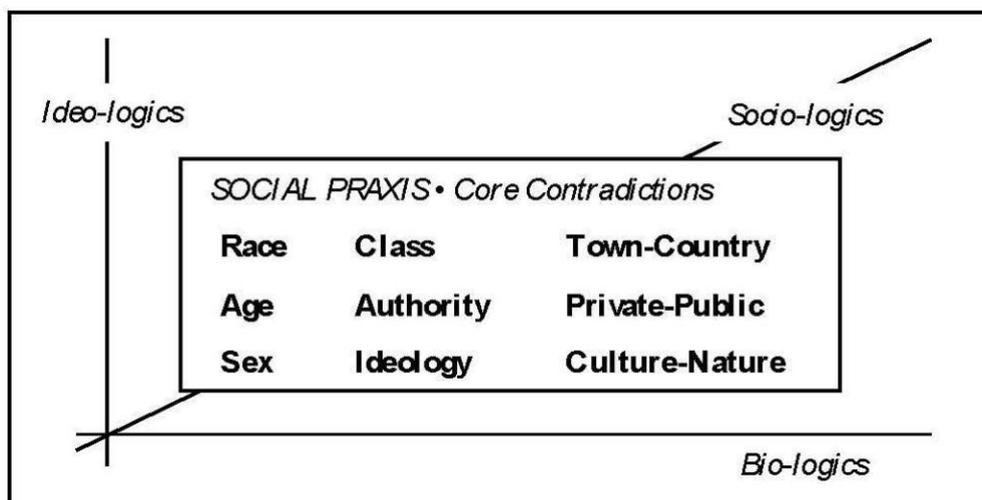


Figura 1. Contradições Nucleares da Práxis Social

A Figura 1 é um dos nossos modelos que determina e define o cenário de e para a teoria crítica da linguagem/linguística.

2. Nosso segundo modelo de e para uma teoria dialética e ecológica da linguagem/linguística é uma explicação de uma *matriz semântica*.

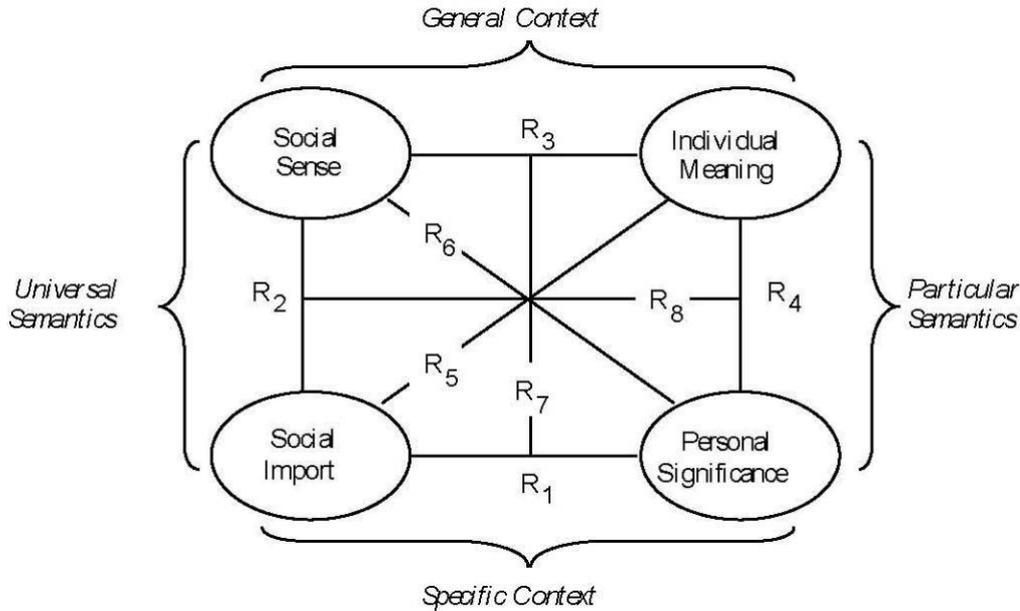


Figura 2 – Matriz Semântica

A matriz consiste de quatro constituintes semânticos que constringem e condicionam o uso da linguagem:

1. Chamamos o primeiro constituinte do *sentido social* (*social sense*) do texto. É uma dimensão diacrônica da semântica de um texto como é encontrada normalmente em dicionários comuns. O sentido social de palavras dinamarquesas pode ser encontrado em *Ordbog over det danske Sprog* (*Dicionário da Língua Dinamarquesa*), vol. 1-28, Copenhague 1918-56, e em *Nudansk Ordbog* (*Dicionário de Dinamarquês Moderno*), vol. 1-2, 14, ed. Copenhague 1990.

Os dois dicionários contêm a semântica tradicional e o padrão das palavras dinamarquesas. Eles registram os usos das palavras numa seleção de materiais escritos, identificam os modos pelos quais a palavra é tradicionalmente usada e, ao mesmo tempo, estabelecem um significado padrão: o *significado social* (*social import*). A relativa invariância do significado social é um efeito da, como também causa, relativa estabilidade da práxis social.

Os dicionários apresentam o cânone cultural, que é transmitido socialmente e transformado na educação primária, secundária e superior.

São objetivos no sentido de que descrevem alguns aspectos do uso normal das palavras e são partidários no sentido de que são seletivos e funcionam como normas para o sistema educacional e para outros aparelhos do estado.

2. O segundo constituinte da nossa matriz semântica é o *significado individual* (*individual meaning*) do texto. Tanto o sentido social quanto o significado individual são constituintes da dimensão diacrônica do texto. Para o usuário individual da língua, os significados individuais são a maneira comum e normal pela qual ele produz e compreende o texto. O significado individual difere do sentido social e estabelece o indivíduo como uma pessoa e não uma máquina/um computador.

O meu uso normal e padrão das palavras *liberdade*, *matéria* e *mente* difere do sentido social delas, mesmo assim ainda há similaridades suficientes com o sentido social para que eu seja compreendido quando participo de diálogos.

O significado individual de uma palavra/um texto é (i) a maneira normal pela qual uso a palavra/o texto e (ii) a interpretação que habitualmente lhe dou ao compreender o uso que outra pessoa faz da palavra/do texto.

O significado individual é (i) relativamente invariável por um período longo na minha história pessoal e (ii) relativamente invariável em situações diferentes em tempos e lugares diferentes. O sistema dos meus significados individuais está, portanto, em uma relação dialética com meu *topos*.

De certa forma, o meu significado individual de algumas palavras-chave, de alguns textos-chave determina a minha personalidade e codetermina a minha identidade social. Assim, embora o significado individual difira do sentido social e me torne um indivíduo, isto é, um *principium individuationis*, sou classificado como fazendo parte de um tipo de indivíduo que normalmente utiliza o texto de uma certa maneira, que difere do sentido social. Talvez eu seja classificado como um ecologista, um marxista ou um pacifista.

3. O terceiro constituinte da nossa matriz semântica considera o *sentido social* (*social import*). Esse constituinte se apresenta como o aspecto sincrônico condicionado pela identificação e aceitação dos participantes do contexto comunicativo do diálogo. O contexto pode ser um tribunal ou um congresso da AILA.

O contexto do tribunal define a interpretação semântica do texto. Como eu mesmo sou juiz da paz, tenho consciência da semântica específica de certas palavras que, de alguma forma, é gerada pelo contexto em especial. Meu uso da palavra *saber* é diferente no tribunal do meu uso na minha vida familiar ou na minha vida profissional. Alguma indicação do uso correto, dos significados sociais, dos termos-chave pode ser encontrada em textos legais.

Naturalmente, não há uma separação exata entre os aspectos sincrônico e diacrônico do contexto de significação, os significados sociais. O texto legal e casos legais registrados são exemplos claros do aspecto diacrônico dos significados sociais, mas o fato importante a considerar é que a dimensão sincrônica domina os significados sociais. Isso ocorre porque a dimensão sincrônica é a conjuntura dos significados sociais e da significância pessoal que é o uso real do texto, enquanto que o sentido social e o significado individual é o pano de fundo.

Temos dicionários que determinam os significados sociais de certos termos. No contexto do congresso da AILA temos dicionários que guiam os significados sociais de termos-chave, isto é, *A Dictionary of Linguistics and Phonetics* (Oxford 1985) de D. Crystal, *Dictionnaire encyclopédique des sciences du langage* (Paris 1972) de O. Ducrot e T. Todorov e *Perspektiven der Linguistik Bd I-II* (Stuttgart 1973) de W. A. Koch.

As definições dos significados sociais se tornam definições de sentido social. Um exemplo é a palavra *organic* (orgânico) em *The Penguin Pocket English Dictionary* (4th Ed. 1990:589f.) definida como: “[...] de ou sendo comida produzido utilizando fertilizante somente de origem vegetal ou animal sem a adição de fertilizantes químicos, pesticidas etc.

4. A *significação pessoal* (*personal significance*) é o quarto aspecto da nossa matriz semântica. É a contribuição única e pessoal ao uso e desenvolvimento da língua e, por conseguinte, é definida e limitada à situação real em que o diálogo ocorre. Ela engloba todos os aspectos que Chomsky tentou eliminar. Dito de forma simples, o objeto de pesquisa de Chomsky não é a língua porque a língua pressupõe tanto similaridades quanto diferenças pessoais. Há uma razão para a comunicação linguística, pois não somos gêmeos idênticos. Em segundo lugar, a língua muda e podemos usá-la criativamente porque somos diferentes e algumas diferenças são condicionadas pelo nosso ambiente.

3. O terceiro modelo é um *Modelo de Diálogo*. Ele ilustra o fato de que a situação prototípica para o uso, a compreensão e o estudo da linguagem é o diálogo. Consequentemente, a nossa teoria difere de modelos *duológicos* como o do *Cours de linguistique générale* e de Chomsky. O modelo tradicional do *Cours* mostra duas cabeças idênticas entre as quais algo é transmitido do cérebro e da boca para o ouvido e o cérebro. Não há nenhum corpo e nenhum ser e as duas cabeças são idênticas.

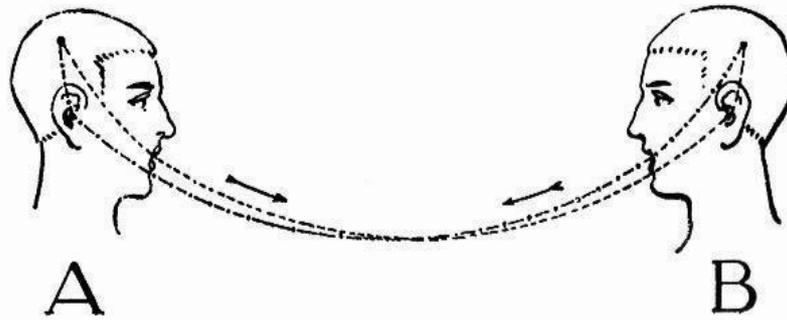


Figura 3: Circuito da fala de Saussure

Esse modelo dualístico é, até onde sabemos, incompatível com a teoria crítica ecológica.

Chomsky descreve bem o seu modelo:

A teoria linguística se preocupa, em primeiro lugar, com o falante-ouvinte ideal, numa comunidade de fala inteiramente homogênea, que conhece perfeitamente a sua língua e não é afetado por certas condições gramaticalmente irrelevantes como limitações de memória, distrações, mudanças de atenção e interesse, e erros (aleatórios ou característicos) ao aplicar seu conhecimento da língua em um desempenho real (Chomsky, 1965:3).

Há uma característica essencial compartilhada pelo *Cours* e por Chomsky. Na verdade os seus modelos não são duológicos, mas modelos *monológicos*. Isso ocorre porque o falante e o ouvinte não são duas pessoas *diferentes*.

O fato de que o *Cours* e Chomsky produziram modelos e, portanto, abstrações não é um problema. O erro deles é que as suas idealizações reduzem (i) o objeto da pesquisa a algo que não é língua e reduzem (ii) o ambiente em que a comunicação linguística ocorre a um ambiente morto, privado das condições para a significação.

A comunicação linguística pressupõe (i) diferenças que fazem a diferença entre os participantes e (ii) um ambiente vivo e heterogêneo.

Nós criamos um modelo prototípico que tem a intenção de ser sensível à comunicação linguística em situações naturais.

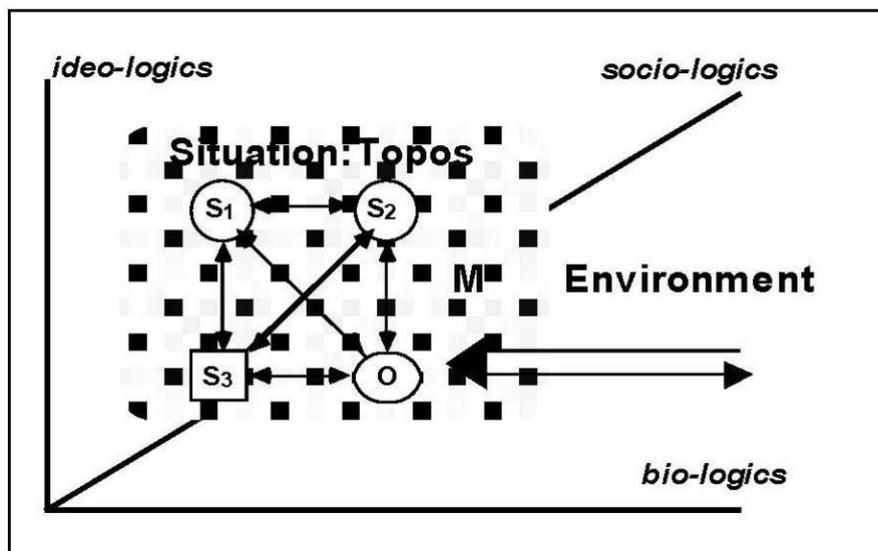


Figura 4: Modelo Dialógico

Simbolizações:

S: Sujeito/Sujeitos

M: Meio/Meios

O: Objeto/Objetos

↔: Relação Dialética = $\left\langle \right\rangle$

Topos: Espaço, Tempo-Lugar

Primeiro, o nosso modelo difere do *Cours* e de Chomsky porque modela um *diálogo*, isto é, uma comunicação linguística entre *três* pessoas. Na situação prototípica, as três pessoas constituem uma comunidade de fala heterogênea.

O fato de que aprendemos a nossa língua materna na família ilustra claramente que a comunidade de fala é heterogênea e que essa heterogeneidade é explicada por contradições nucleares. Os participantes de um diálogo familiar são diferentes, por exemplo, das seguintes maneiras: (i) contradição de gênero: mãe, pai e filha; (ii) idade: adulto e criança; (iii) classe: o pai faz parte da classe objeto (pedreiro), a mãe faz parte da classe média (assistente de escritório) e a criança é membro da classe residual¹.

Se aplicarmos o modelo à aprendizagem de língua no sistema educacional, um participante é o professor, outro é o aluno e o terceiro é o censor que pode estar presente ou ausente e nos dois casos controla o que é aceitável. O papel do censor ilustra a contradição de autoridade.

Em segundo lugar, entende-se o *meio* como um termo guarda-chuva. O meio pode indicar a língua específica usada. Uma sessão da AILA sobre a ecolinguística poderia usar inglês como um meio mesmo que nenhum participante tenha essa língua como sua L1. O meio pode ser uma máquina de fax ou uma televisão.

Em terceiro lugar, o objeto pode ser qualquer coisa, de um texto a uma ideia abstrata, de uma pessoa individual à Comunidade Econômica Europeia. Pressupomos, no entanto, que o *O* que as três pessoas realmente compartilham não é idêntico com *O*. Nas condições mais favoráveis, ele representa uma parte genuína de *O*:

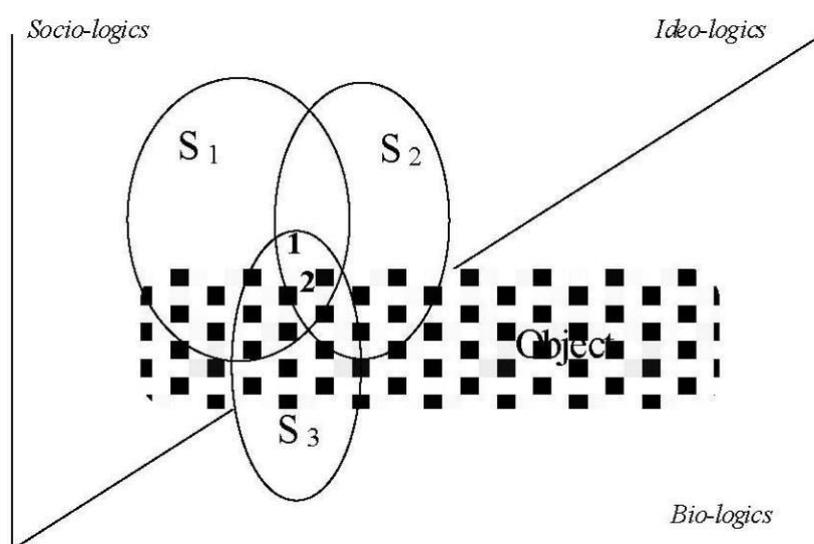


Figura 5. O: O Objeto do Diálogo

A concepção compartilhada de *O* (vamos assumir que *O* é um texto) poderia ser:

- Parte 1 + Parte 2, uma concepção adequada, isto é, uma interpretação larga demais do texto,
- Parte 1, uma concepção inadequada, isto é, uma interpretação errônea do texto, ou
- Parte 2, uma concepção adequada no sentido de que abrange uma parte genuína de *O*, isto é, é uma interpretação razoável do texto.

Em quarto lugar, a relação entre a situação e o ambiente é uma relação dialética. O ambiente deve ser interpretado aqui como um ambiente ideo-lógico, sócio-lógico e bio-lógico.

4 A nossa teoria dialética de linguagem é um tipo de *contextualismo*, isto é, questões sintáticas e semânticas são integrados ao contexto e à situação, e a situação é conceituada como um diálogo numa comunidade de fala heterogênea. Assim, o fenômeno da *dêixis* ocupa um papel essencial e vital na nossa teoria de linguagem. A linguagem e a linguística não podem ser compreendidas a não ser que sejam consideradas na sua relação dialética com o ambiente. Uma definição tradicional de *dêixis* é:

Dêixis (dêitico): Um termo usado na teoria LINGUÍSTICA para incluir os traços da LINGUAGEM que se referem diretamente às características pessoal, temporal ou de localidade da SITUAÇÃO, na qual uma ENUNCIACÃO ocorre, cujo SIGNIFICADO é relativo àquela situação; por exemplo, *agora/depois, aqui/ali, isto/aquilo* são dêiticos (palavras dêiticas ou EXOFÓRICAS). [...] (Crystal, 1985, p. 89)

A nossa matriz semântica, no entanto, diz que não são somente os termos dêiticos que ‘se referem às’ características históricas da situação. Cada palavra e cada texto recebe parte do seu significado e da sua força semântica da situação (cf. Hurford; Heasley, 1983: 63; 1983:63). Não há nenhum significado livre do contexto ou da situação. A linguística e as teorias de linguagem que se fundamentam nessa liberdade são, na verdade, teorias *atópicas*, isto é, são, tanto histórica quanto logicamente, maneiras impossíveis de compreender a linguagem. Cada compreensão é determinada situacional e historicamente.

É um pressuposto e um preconceito tradicional que a teoria genuína formula a relação entre elementos livres do contexto em termos de uma lei abstrata. As leis utilizam de constantes lógicas e a relação lógica entre os elementos a-históricos é também considerada a-histórica e livre do contexto.

Do nosso ponto de vista, os elementos e as relações são determinados pelo contexto e pela situação. Dessa forma, *indicadores dêiticos* são aqueles aspectos do texto que se referem situacionalmente e/ou contextualmente às pessoas, aos objetos, ao tempo, ao lugar e suas ligações lógicas. Termos como *ou-ou, se-então, ambos-e, todos/alguns, um/muitos, porque* e *portanto* são, assim, dêiticos lógicos, determinados pela matriz semântica, pelo universo do discurso e pela situação.

As línguas são compreendidas, usadas, aprendidas e desenvolvidas em situações. A língua faz parte da nossa existência e a natureza da nossa existência consiste em não termos acesso a “um ponto de vista de lugar nenhum”. Dessa maneira, não há nenhuma parte ou

nenhum subconjunto da língua que tenha um significado ou uso livre do contexto. Mas as palavras são mais ou menos dependentes do contexto e da situação. Mesmo que cada palavra, morfema, frase etc. seja determinada pela apresentação gramatical, semântica e situacional, há morfemas, palavras e frases que são consideradas como dêixis explícita. São, por assim dizer, lexicalizadas mostrando a referência dêitica.

Na Figura 6, definimos a dimensão dêitica de referência como uma das três dimensões envolvidas no uso de cada palavra, frase, texto etc. Cada fenômeno linguístico determina e é determinado como parte da língua (a dimensão *lexical*), parte do texto (a dimensão *anafórica*) e parte do contexto e situação (a dimensão *dêitica*).

Dimension of reference	Dominating reference	Reference to
Lexical	Inter-textual	COtext social & individual } lexicon & grammar
Anaphoric	Intra-textual	INtext cataphoric (forward) anaphoric (backward) symphoric (simultaneous)
Deictic	Extra-textual	CONtext C-prod } Persons C-comm } Time C-cons } Place C-derived } Logics

Figura 6 – Modelo Triplo de Referência

O *sentido social* e o *significado individual* são menos sensíveis às características específicas da situação, isto é, a dimensão dêitica, do que o *sentido social* e a *significação pessoal*. É impossível apreender a força semântica do texto a não ser que se compreenda a realização social e a significação pessoal do texto.

Consideremos um exemplo:²

1. Não podemos agora porque eu preciso ganhar o meu sustento.

Para fazer uma análise dêitica de *eu*, sugerimos as seguintes três perguntas:

²Na verdade, Bang & Døør retiraram este exemplo da sua análise de um recorte do romance *Puffball* da autora Fay Weldon. Essa análise foi apresentada no Congresso Mundial da AILA de 1993, em Thessaloniki, Grécia, onde Bang & Døør participaram do simpósio *Língua e Gênero*. O artigo que analisa o romance de Weldon se intitula, *Deixis, Gender & Core Constructions*.

1. Que pessoas participam do diálogo (Quem é o *eu*, quem é o *tu* implícito etc)?
2. Qual o *topos* (tempo-lugar) indicado *agora*?
3. Qual a *lógica* ou conjunção de lógicas indicada pela conjunção *porque*?

De um ponto de vista dialético as perguntas são *conditio sine qua non* para a compreensão do texto.

A diferença essencial entre a nossa forma de análise de dêixis e uma análise tradicional é:

- (i) Incluímos os termos lógicos no grupo de traços dêiticos;
- (ii) A nossa teoria semântica não é fundamentada numa teoria proposicional já que não supomos que haja ou deva haver uma matriz permanente e a-histórica ou um quadro normativo ao qual possamos recorrer a fim de determinar a natureza da dimensão semântica do texto, e
- (iii) Os termos lógicos são constituídos e constituem a práxis em que significam algo, isto é, a semântica de *porque* no nosso exemplo é determinada, necessariamente, como parte da lógica capital.

Achamos que John Lyons (1977) está correto: “Pensando bem, constata-se que quase todas as orações são indiciais”.³

3. A Categoria Sujeito

O eminente linguista M. A. K. Halliday faz uma distinção útil entre três interpretações diferentes relativas à noção de sujeito. Ele ilustra essa questão em relação à análise de uma oração:

2. The Duke gave my aunt this teapot.⁴

Halliday trabalha com três tipos diferentes de sujeito:

- (i) Sujeito psicológico = Tema
- (ii) Sujeito gramatical = Sujeito e
- (iii) Sujeito lógico = Ator.

Eles são respectivamente:

- (i) Aquilo que é o objetivo da mensagem
- (ii) Aquilo de que algo é predicado [...]
- (iii) O agente da ação (Halliday, 1985, p. 33)

³Dêixis = indexical = shifter = signature (N da T)

⁴Em uma tradução literal, a versão da frase é, “O Duque deu minha tia esta chaleira” (N da T)

No número 2, “é razoável afirmar que *the Duke* é, de fato, o Sujeito nos três sentidos”.

No número 3 os três tipos são separados:

3. This teapot my aunt was given by the Duke.⁵

Nesse exemplo, *this teapot* é descrito como o tema ou o sujeito psicológico; *my aunt* é o sujeito (gramatical); *the Duke* o Sujeito lógico ou Ator.

Halliday define “como uma aproximação útil” os três termos em relação “aos três tipos principais de significado que são materializados na estrutura da oração”:

- (i) O tema é a função na ORAÇÃO DE MENSAGEM. É o objetivo da mensagem: o ponto de partida para o que o falante dirá;
- (ii) O sujeito é a função na ORAÇÃO COMO TROCA. É o elemento que é responsável: no qual se investe o sucesso da oração seja qual for a sua função de fala;
- (iii) O Ator é a função na ORAÇÃO COMO REPRESENTAÇÃO (de um processo). É o participante ativo no processo: aquele que faz a ação (Halliday, 1985: 36f.)

A análise da dêixis, no entanto, implica um quarto tipo de sujeito e ator. A palavra *my* se refere a alguém que enuncia a oração. Do mesmo modo, a palavra *this* indica que a oração é enunciada para alguém que está na situação onde a chaleira (*teapot*) está presente. A palavra *the* (em *the Duke*) indica que a oração é dita para alguém que tem o duque do contexto relevante em mente.

No entanto, não podemos saber a partir do texto de Halliday ou do exemplo a quem *my* se refere ou quem é o destinatário. O quarto tipo de sujeito ou ator, o sujeito dêitico, implica um quinto tipo de sujeito, a saber, o falante/escritor na situação real, isto é, M. A. K. Halliday. Não sabemos se a tia é realmente a tia de Halliday ou se ela é a tia de outra pessoa, ou seja, de uma pessoa fictícia ou de alguém real no universo discursivo estabelecido por Halliday.

Para explicarmos os diferentes níveis do sujeito, fazemos a distinção entre três níveis de sujeito, a saber, o sujeito *pragmático*, o sujeito *semântico* e o sujeito *sintático*. A nossa análise da oração tem a seguinte forma:

⁵ Em uma tradução literal, a versão da frase é, “Esta chaleira minha tia foi dada pelo duque” (N da T).

ECO-REBEL

in the situation of communication	M.I.K.Halliday writes,	Pragmatic	} logical subject	{ Halliday X The duke
in the universe of discourse (context)	X says/said/writes/wrote,	Semantic		
in the text	<i>The duke gave my aunt this teapot</i>	Syntactic		

Ao usar um modelo dialógico, torna-se evidente que *my* indica o falante ou o ator no ato de fala. Não sabemos, porém, se isso se refere ao Eu da situação real da comunicação, isto é, o S₁ da situação. A oração é apresentada sem indicações explícitas sobre a relação entre falante/escritor/ator na nossa comunicação (Halliday) e o falante/escritor/ator no universo discursivo. A pessoa X, que é o responsável pela parte do significado situacional da oração, pode ser uma pessoa ficcional ou uma pessoa real. A configuração sintática funciona como uma mensagem e uma troca, mas não recebemos informação suficiente ou indicações para identificar a realização social (*social import*) e a significação pessoal (*personal significance*). Todavia, na situação em que Halliday e nós estamos comunicando, temos conhecimento sobre uma convenção de realização social (*social import*) ou hábito que diz que o gramático tradicional é livre para construir os exemplos. Achamos que é um hábito ruim, pois faz com que os gramáticos, os estudiosos e os alunos fiquem cegos ou inconscientes acerca da importância de significados situacionais e funções, ou seja, a língua no seu ambiente original e natural.

Das regras tradicionais de realização social (*social import*) (cf. gênero), estamos certos de que o falante X da oração 2 não é idêntico ao falante da nossa situação, ou seja, Halliday, e que ninguém pode ser responsabilizado pelo enunciado. Do nosso ponto de vista, na oração faltam as condições fundamentais e vitais para que ela seja significativa ou informativa.

2 Há, pelo menos, três sujeitos/atores/pessoas lógicos: (i) *the duke*, (ii) a pessoa que disse *my* e (iii) o escritor presente, isto é, Halliday.

Halliday e a tradição parecem não compreender a importância daquilo que chamamos de *sujeito discursivo*. Como mostramos, a palavra dêitica *my* em 2 talvez se refira a uma pessoa em um universo discursivo que não esteja disponível aos leitores na situação de comunicação atual, ou seja, a nós e a vocês. Achamos que é importante aumentar a

conscientização acerca da coordenação dos sujeitos/atores sintático, semântico e pragmático.

Assinalamos que se um modelo dialógico é usado como o modelo de e para análises linguísticas, a identificação dos termos essenciais e vitais do texto se torna mais fácil. Se os nossos métodos e modelos dialéticos forem seguidos, as funções das várias partes do texto se tornam mais claras. Uma identificação do sujeito-conjunção da oração fica mais direta, se os traços dêiticos são procurados: por exemplo, o termo *this* recebe sua força sintático-semântica na relação com *teapot* e com os participantes do diálogo, isto é, com os atores, sujeitos e temas semânticos e sintáticos.

4 Uma Análise de Dois Textos Legais sobre a Produção Orgânica

Nesta parte apresentaremos somente algumas observações da nossa análise dêitica de dois textos legais:

ATO SOBRE A PRODUÇÃO DE FAZENDAS ORGÂNICAS (Ato no. 363 do dia 10 de junho de 1987), do Parlamento Dinamarquês, *Folketinget*,
REGULAMENTAÇÃO DO CONSELHO (CEE) No. 2092/91 do dia 24 de junho de 1991 sobre a produção orgânica de produtos agrícolas e indicações a respeito de produtos e alimentos agrícolas.

Esses exemplos textuais são partes constitutivas da situação e contexto ecológicos em que estamos inseridos; não são exemplos livres de contexto ou de situação.

2 A conscientização internacional, nacional e local do crescimento dos problemas ecológicos já chegou ao nível legal. Um exemplo dessa tendência é o *Ato no. 363 do dia 10 de junho de 1987*, da Dinamarca.

O Ato determina um aspecto de dêixis lógica na afirmação a seguir:

(§1.1) The aim of this Act shall be to promote organic farm production.⁶

A dêixis lógica engloba não somente os termos lógicos (*todos, nenhum, alguns, um, muitos, se-então, ambos-e, ou-ou, porque*), mas também modalidade: *The aim shall be [...]*.

⁶O objetivo deste Ato é promover a produção agrícola orgânica.

ECO-REBEL

O Ato articula uma lógica dêitica, contudo, não menciona o fato de que essa lógica está incluída tanto na lógica capitalista quanto na lógica burocrática, ao mesmo tempo que as contradiz. O Ato afirma:

(§1.2) O objetivo da produção agrícola orgânica é estabelecer sistemas estáveis e harmônicos, em que os métodos de produção são organizados com o objetivo de facilitar a integração das produções individuais no ciclo natural biológico nos campos e nos estábulos.

O objetivo contradiz a lógica capitalista. Tanto Dinamarca quanto a CEE são formações capitalistas. O objetivo da lógica capitalista é produzir valor/lucro supérfluo e estender o poder do capital sem considerar o ‘ciclo natural biológico’, a não ser que seja mais lucrativo e de acordo com o interesse do capital.

A contradição entre a lógica do Ato, a lógica capitalista e a lógica burocrática é explicada adicionalmente em um dos anexos, a Regulamentação do Conselho da CEE no. 2092/91 do dia 24 de junho de 1991:

+	-
Exigir dos clientes Um novo mercado Uso menos intensivo da terra Proteção do meio ambiente Conservação do campo Produzido organicamente Condições para competição justa Assegurar conformidade Sujeito a inspeções Um sistema de inspeção regular	Uso de químicos sintéticos Efeitos prejudiciais no meio ambiente

A linguagem do Ato abrange, por um lado, as contradições entre os objetivos da produção natural, biológica (e modos de vida) e, por outro lado, os interesses do capital e das indústrias transnacionais.

O Ato define a distinção entre dois tipos de produção que são indicados pelos seguintes predicados:

o natural, o biológico, o orgânico, o ecológico; e

ECO-REBEL

o industrial.

O Ato afirma que o seu objetivo é a promoção do primeiro tipo de produção.

+	-
Orgânico Estável Harmônico Integrativo Natural Biológico	Produzido industrialmente

2 Quem é o sujeito e o ator da seguinte frase e como deve ser determinada a semântica desse sujeito?

4 The aim of this Act shall be to promote organic farm production.

A primeira pergunta, *quem é o sujeito?*, deve ser interpretada como uma pergunta complexa: *quem ou o que é o sujeito/ator/pessoa/tema sintático/semântico/pragmático?* Não desenvolveremos uma análise sintática; em vez disso explicaremos os princípios semânticos que precisam reger uma análise que seja do interesse da ecolinguística, isto é, a fim de indicar uma resposta para a segunda parte da nossa pergunta: *como a semântica do sujeito deve ser determinada?*

Os três tipos de *sujeito* recebem a sua força semântica⁷ por ele ser incorporado na práxis social.

Nossas condições para entender o tema, o sujeito e o ator do texto são as contradições nucleares da práxis social. Tanto o ator quanto o tema são determinados pela conjunção das contradições nucleares: o sujeito que realmente vai “promover a produção agrícola orgânica” (*to promote organic farming*) está situado:

- (i) nas contradições específicas de classe,

⁷ Usamos o termo *força semântica* porque consideramos os fenômenos semânticos como sendo tanto orientados dinamicamente quanto servindo para orientar. Em contradição, o termo *valor semântico* indica um ponto de vista de produto estático.

- (ii) nas contradições de autoridade, isto é, as relações *Macht und Herrschaft*⁸ na Dinamarca, na CEE, e entre Dinamarca e a CEE,
- (iii) nas contradições natureza-cultura, e
- (iv) nas contradições cidade-campo.

Se não determinarmos o sujeito em relação às contradições nucleares, não será possível fornecer uma descrição sintática ou semântica adequada da frase e do texto como um todo. Se seguir o processo indicado aqui, então se torna claro e evidente que o *Ato* não determina o critério para o sucesso do objetivo.

O objetivo é que a produção agrícola orgânica será

- (i) o único meio de produção,
- (ii) o meio dominante de produção, ou
- (iii) uma espécie de nicho exótico de produção?

Se essas determinações são vagas ou abertas, então a definição da lógica dêitica é indeterminada.

A análise dêitica esclarece que o *Ato* é uma intervenção política nas contradições crescentes entre a produção ecológica e a produção capitalista industrial.

Do ponto de vista linguístico, o que é importante é estar consciente do fato de que se a dêixis não está limitada ao “uso de demonstrativos, pronomes pessoas da primeira e segunda pessoa, tempo verbal, advérbios de tempo e lugar como AGORA e AQUI”, ela inclui também a dêixis lógica, ou seja, termos lógicos e modalidade, então a noção de *contradição* é necessária para a compreensão, a interpretação e o uso da linguagem.

3 Qual é a teia semântica em volta das pessoas/dos atores ecológicos? O *Ato* dinamarquês define as pessoas que produzem organicamente, por meio dos termos *os que solicitam subvenções* (*the applicants for grants* §5.1) e *os beneficiários* (*the recipients* §6):

Os que solicitam subvenções [...] ao fazerem o requerimento, devem produzir evidências de que as condições para a subvenção foram cumpridas.⁹

Desse modo, o produtor é reduzido, de uma pessoa que produz, a um usuário das subvenções governamentais. Ademais, o produtor é sujeitado a ou incluído em um

⁸ Isto é, as relações de poder e controle.

⁹ Applicants for grants [...] shall upon request produce evidence that the conditions for the grant have been fulfilled (§5.1).

sistema de inspeção que é uma parte autorizada de controle do aparelho do Estado (o Ministério da Agricultura):

O Ministério da Agricultura, ou qualquer pessoa autorizada pelo Ministro, pode, a qualquer hora, sem uma ordem judicial e com provas de identidade, ter acesso às fazendas etc. [...] para inspecionar as fazendas etc. como também as contas e os livros etc. (§7.1)¹⁰

O Ato define o Ministério, o Conselho e os inspetores autorizados como os atores no processo do cumprimento do objetivo: “promover a produção agrícola orgânica”.

4 Conclusão e Convites

O esboço de uma teoria ecológica de linguagem aqui apresentado é produzido em condições semelhantes ao projeto *A Ética Ambiental (Environmental Ethics)*.

Uma parcela da comunidade de pesquisa tenta lidar com os sérios problemas éticos da nossa crise ecológica, empregando teorias e conceitos éticos tradicionais e bem estabelecidos em problemas ecológicos.

Outra parcela da comunidade de pesquisa compreendeu que a ética tradicional é parte do problema e coprodutora das contradições e dos dilemas ecológicos. Portanto, faz-se necessário uma abordagem nova da ética e das dimensões éticas da crise ecológica. A nossa teoria ecológica de linguagem e de linguística é uma crítica tanto da cultura que produz a crise ecológica quanto das suas teorias tradicionais de linguagem. É importante, do nosso ponto de vista, expressar claramente que há muitas alternativas possíveis às teorias tradicionais de linguagem e, assim, a nossa teoria é uma entre outras, na família de teorias críticas.

Referências

CHOMSKY, N. *Aspects of the theory of syntax*. Cambridge: M.I.T. Press, 1965.

CRYSTAL, D. *A dictionary of linguistics and phonetics*. Londres: Blackwell, 1985, 2^a. ed.

HALLIDAY, M. A. K. *New ways of meaning – a challenge to applied linguistics*. In:

PÜTZ, M. (org.). *Thirty years of linguistic evolution*. Philadelphia.

¹⁰The Minister of Agriculture, or anyone authorized by the Minister, shall at any time without a court order and on proof of identity have Access to farms etc. [...]to inspect the farms etc. as well as the accounts and books etc. (§7.1)

ECO-REBEL

HURFORD, J. R.; HEASLEY, B. *Semantics: A coursebook*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983, p. 63.

LYONS, John. *Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977

Texto convidado.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), v. 1, n. 2, 2015.